
Contrato de veridicção: operações e percursos*

Diana Luz Pessoa de Barros¹

Resumo: O ponto de partida deste artigo é o do contrato de veridicção, proposto por Greimas. O enunciador do discurso escolhe um regime de veridicção e um *fazer parecer verdadeiro*, para *fazer* seu enunciatário *crer*. O enunciatário, que tem papel fundamental nesse contrato, interpreta a mensagem e nela acredita ou não. O objetivo é mostrar que esses contratos passam por operações e estabelecem diferentes percursos veridictórios. As operações de asserção, negação e implicação determinam quatro percursos entre os metatermos do quadrado da veridicção - verdade, falsidade, mentira e segredo: 1) falsidade → mentira → verdade; 2) verdade → segredo → falsidade; 3) falsidade → segredo → verdade; 4) verdade → mentira → falsidade. Esses percursos caracterizam diferentes contratos de veridicção e diferentes tipos de discursos: o percurso 1 é o das *fake news*; o 2, o das falsas revisões da História e da ciência e dos discursos conspiratórios; o 3, o dos discursos humorísticos e poéticos, em geral; o 4, o dos discursos poéticos “fundadores”. No Brasil, os dois primeiros percursos, em que a aparência seleciona, na implicação, a essência, são muito usados nos discursos da extrema direita; os percursos 3 e 4, em que a essência seleciona a aparência, caracterizam os da esquerda.

Palavras-chave: contrato de veridicção; operações e percursos veridictórios; *fake news* e falsas revisões da História e da ciência; discurso humorístico e poético; discurso político.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198279>.

¹ Professora Titular e Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. Bolsista produtividade (Pesquisador 1A) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: dianaluz@usp.br; dianaluz@mackenzie.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5182-6767>.

Nosso ponto de partida para tratar da verdade no quadro da semiótica discursiva francesa é o do contrato de veridicção (GREIMAS; COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1975, 2014). Greimas define a veridicção ou o dizer-verdadeiro como um efeito de sentido decorrente de um contrato enunciativo, estabelecido entre o enunciador e o enunciatário da comunicação. Em outras palavras, não se trata da adequação do discurso a um referente externo, mas de sua interpretação como verdadeiro, conforme o contrato estabelecido entre enunciador e enunciatário. Ao definir os termos “verdade” e “contrato de veridicção”, Greimas e Courtés (2008) dizem:

Não é de todo inútil sublinhar que o “verdadeiro” está situado no interior do discurso, pois ele é o fruto das operações de veridicção: isso exclui qualquer relação (ou qualquer homologação) com um referente externo (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 485).

A veridicção é tratada, assim, no âmbito dos estudos narrativos da manipulação e no dos estudos da modalização (modalização epistêmica pelo saber e pelo crer e modalização veridictória). O ser que modaliza o ser é chamado de modalidade veridictória e articula-se, como categoria modal, em ser vs. parecer. A modalização veridictória determina a relação do sujeito com o objeto, que é dita verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta. Faz parte, portanto, da modalização do ser e não da modalização do fazer. Com a modalização veridictória substitui-se a questão da verdade pela da veridicção ou do dizer verdadeiro: um estado é considerado verdadeiro quando um sujeito, diferente do sujeito modalizado, o diz verdadeiro. Parte-se do parecer ou do não-parecer da manifestação ou aparência e constrói-se ou infere-se o ser ou o não-ser da imanência ou essência.

Por meio do contrato de veridicção, o enunciador busca a adesão do enunciatário e determina como ele deve interpretar o discurso e “ler” a verdade. Para tanto, constrói no discurso um dispositivo veridictório, espalhando marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Para escolher as pistas que serão oferecidas, o enunciador considera a relatividade cultural e social da “verdade”, sua variação em função do tipo de discurso, além das crenças do enunciatário que vai interpretá-las. O enunciatário, por sua vez, para entender o texto, precisa descobrir as pistas e compará-las com seus conhecimentos, convicções e sentimentos. A modalização veridictória relaciona-se, assim, tanto ao fazer persuasivo do destinador quanto, ou, sobretudo, no dizer de Greimas e Courtés (2008), ao fazer interpretativo do destinatário, no percurso da manipulação:

Vê-se, entretanto, que o bom funcionamento desse contrato depende, em definitivo, da instância do enunciatário, para quem toda mensagem recebida, seja qual for seu modo veridictório, apresenta-

se como uma manifestação a partir da qual ele é chamado a atribuir este ou aquele estatuto ao nível da imanência (decidir sobre o seu *ser* ou o seu *não-ser*) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 486, grifos dos autores).

O enunciador-destinador do discurso escolhe um regime de veridicção e procura fazer seu destinatário interpretar o discurso segundo o contrato veridictório proposto e nele acreditar ou não. Estão em jogo, portanto, as modalidades veridictórias (do *ser* e *parecer*) e as epistêmicas (do *crer*), que sobredeterminam enunciados de estado. O destinador exerce um fazer persuasivo ou um *fazer parecer verdadeiro*, para *fazer-crer*, enquanto o destinatário interpreta as mensagens a partir de seus conhecimentos, crenças e emoções e da capacidade de persuasão do destinador e nelas acredita ou não. São várias as possibilidades de interpretação conforme as relações entre as modalidades veridictórias e as epistêmicas: certamente verdadeiro (crer-ser e crer-parecer); provavelmente verdadeiro (não crer-não ser e não crer-não parecer); certamente falso (crer-não ser e crer-não parecer); provavelmente falso (não crer-ser e não crer-parecer). Há assim interdependência entre os contratos veridictório e fiduciário:

Ele [o contrato fiduciário] se manifesta, entretanto, também no nível da estrutura da enunciação e apresenta-se então como um **contrato enunciativo** [...], ou como **contrato de veridicção**, já que visa a estabelecer uma convenção fiduciária entre o enunciador e o enunciatário, referindo-se ao estatuto veridictório (ao dizer-verdadeiro) do discurso enunciado. O contrato fiduciário que assim se instaura, pode repousar em uma evidência (isto é, numa certeza imediata) ou então ser precedido de um fazer persuasivo (de um fazer-crer) do enunciador, ao qual corresponde um fazer interpretativo (um crer) da parte do enunciatário (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 86, grifos dos autores).

A crônica de Luís Fernando Veríssimo, “A verdade” (2000), ilustra bem os diferentes aspectos desses contratos e os fazeres persuasivo do destinador e interpretativo do destinatário:

Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margaridas. O pai e os irmãos da donzela foram atrás do assaltante e encontraram um homem dormindo no bosque, e o mataram, mas não encontraram o anel de diamante. E a donzela disse:
 – Agora me lembro, não era um homem, eram dois.
 E o pai e os irmãos da donzela saíram atrás do segundo homem e o encontraram, e o mataram, mas ele também não tinha o anel. E a donzela disse:
 – Então está com o terceiro!

Pois se lembrara que havia um terceiro assaltante. E o pai e os irmãos da donzela saíram no encalço do terceiro assaltante, e o encontraram no bosque. Mas não o mataram, pois estavam fartos de sangue. E trouxeram o homem para a aldeia, e o revistaram e encontraram no seu bolso o anel de diamante da donzela, para espanto dela.

– Foi ele que assaltou a donzela, e arrancou o anel de seu dedo e a deixou desfalecida – gritaram os aldeões. – Matem-no!

– Esperem! – gritou o homem, no momento em que passavam a corda da forca pelo seu pescoço. – Eu não roubei o anel. Foi ela que me deu!

E apontou para a donzela, diante do escândalo de todos.

O homem contou que estava sentado à beira do riacho, pescando, quando a donzela se aproximou dele e pediu um beijo. Ele deu o beijo. Depois a donzela tirara a roupa e pedira e pedira que ele a possuísse, pois queria saber o que era o amor. Mas como era um homem honrado, ele resistira, e dissera que a donzela devia ter paciência, pois conheceria o amor do marido no seu leito de núpcias. Então a donzela lhe oferecera o anel, dizendo “Já que meus encantos não o seduzem, este anel comprará o seu amor”. E ele sucumbira, pois era pobre, e a necessidade é o algoz da honra.

Todos se viraram contra a donzela e gritaram: “Rameira! Impura! Diaba!” e exigiram seu sacrifício. E o próprio pai da donzela passou a forca para o seu pescoço.

Antes de morrer, a donzela disse para o pescador:

– A sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?

O pescador deu de ombros e disse:

– A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não histórias de pescador (VERÍSSIMO, 2000, p. 74).

O primeiro contrato veridictório no texto em exame é o que a donzela propõe à sua família para que ela interprete como verdade que foi assaltada e teve seu anel roubado. Tendo em vista seus conhecimentos, crenças e emoções, o pai e os irmãos, destinatários da comunicação, consideram verdadeiro o que ela diz e creem nisso, ou seja, o assalto é entendido como *certamente verdadeiro*. Como o anel não é encontrado com os dois supostos assaltantes, a interpretação passa a ser, no terceiro homem, a de *provavelmente verdadeiro*, ou seja, ainda de negação da falsidade. O terceiro suposto assaltante, ao exercer seu fazer persuasivo, dizendo que a donzela lhe dera o anel para que ele “fizesse amor” com ela, muda o entendimento da aldeia, inclusive o do pai e dos irmãos da moça: o contado pelo homem é interpretado como *certamente verdadeiro* e a história da donzela, como *certamente falsa*. As crenças e emoções dos destinatários levaram a essas interpretações: os destinatários, segundo o manipulador, querem “violência e sexo, não histórias de pescador”, e julgam negativamente a donzela que mentiu. O texto mostra, claramente, que “histórias de pescador” devem ser consideradas como *certamente falsas*: “A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso?”.

A crônica indica também, explicitamente, o caráter ideológico da interpretação: a confiabilidade da donzela, por ser de nível social muito “superior” ao dos supostos assaltantes que dormiam no bosque; a relação entre a pobreza e o banditismo ou a falta de princípios éticos; a confiabilidade dos homens em oposição à leviandade das mulheres.

1. Operações de veridicção

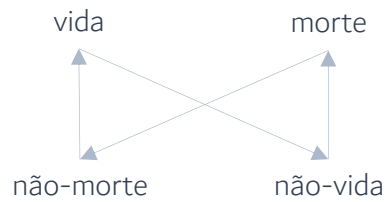
Em síntese, os estudos semióticos definem a veridicção decorrente do contrato veridictório e fiduciário pelas relações modais entre o *ser* e o *parecer*, que determinam os discursos como verdadeiros (*que parecem e são*), mentirosos (*que parecem, mas não são*), secretos (*que não parecem, mas são*) ou falsos (*que não parecem e não são*) e os sobremodalizam pelo *crer* ou *não crer*.

É preciso ainda assinalar que os discursos verdadeiros e os falsos são discursos implicativos (ZILBERBERG, 2004, 2005), que parecem e, conseqüentemente, tendo em vista o horizonte de expectativas do destinatário, são verdadeiros ou que não parecem e, por isso, são falsos. Já os discursos mentirosos e os secretos são discursos concessivos, ou seja, que embora pareçam, no entanto, contrariando as expectativas, não são verdadeiros ou, ainda que não pareçam, são, contudo, verdadeiros. A concessividade caracteriza discursos do acontecimento, mais inesperados, tônicos, sensoriais e emocionais, que se opõem aos discursos implicativos do exercício, esperados, e, portanto, mais átonos e racionais.

Para tratar dos contratos de veridicção, serão examinados, neste artigo, as operações veridictórias efetuadas nos diferentes tipos de contrato e, portanto, de discursos; as estratégias usadas pelo destinador para realizar essas operações e obter sucesso no estabelecimento da verdade de sua proposta; os conhecimentos, crenças e emoções do destinatário que o levam a interpretar a proposta e as operações veridictórias segundo o acordo realizado e a nelas acreditar ou a recusá-las.

A proposta de Greimas e Courtés (2008) para o quadrado semiótico prevê operações de asserção, negação e implicação, de que decorrem percursos sintagmáticos e que asseguram a narrativização das relações. Assim, a organização em um quadrado semiótico da relação *vida vs. morte*, permite os percursos sintagmáticos 1- vida → não-vida → morte ou 2- morte → não-morte → vida:

Figura 1: Quadrado semiótico vida vs. morte.



Fonte: elaboração própria, a partir do modelo do quadrado semiótico.

O primeiro percurso é o de morrer, o segundo, o de renascer.

Esses percursos sintagmáticos não acontecem da mesma forma entre os termos do quadrado semiótico das modalidades veridictórias, mas podem ser nele realizados quando se estabelecem relações de segunda geração, ou seja, entre os metatermos (o complexo *verdade*, o neutro *falsidade* e os esquemas *mentira* e *segredo*).

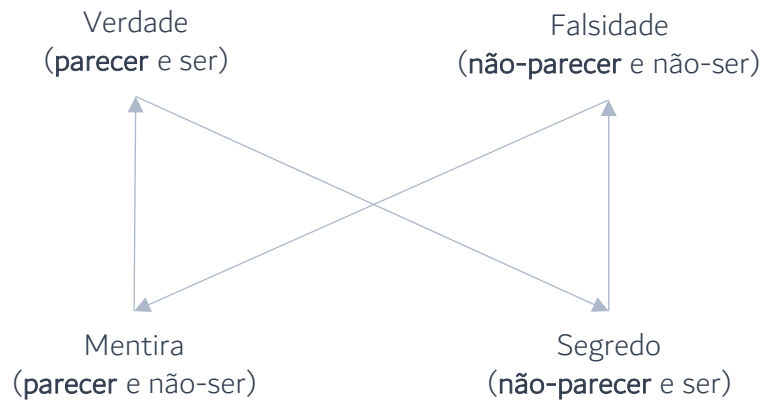
Figura 2: Quadrado semiótico da veridicção.



Fonte: Greimas e Courtés (2008, p. 532).

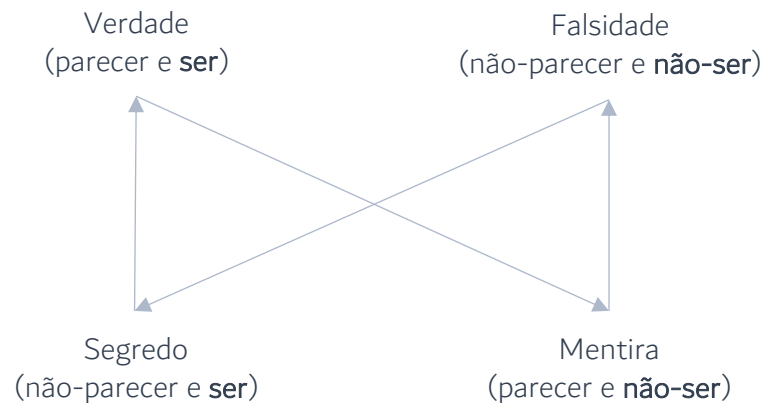
Cria-se, a partir daí, um modelo de segunda geração, já previsto por Greimas e Courtés, no *Dicionário de Semiótica* (2008) e por Fontanille e Zilberberg, em *Tensão e significação* (2001). Nele, pode-se propor a verdade e a falsidade como termos primitivos e a mentira ou o segredo como seus contraditórios. Há, portanto, dois quadrados e quatro percursos possíveis, pois cada quadrado permite dois percursos:

Figura 3: Quadrado 1 (o segredo é o termo contraditório da verdade e a mentira, o da falsidade).



Fonte: elaboração própria.

Figura 4: Quadrado 2 (a mentira é o termo contraditório da verdade e o segredo, o da falsidade).



Fonte: elaboração própria.

Quadrado 1:

Percurso "A" - falsidade → mentira → verdade

Percurso "B" - verdade → segredo → falsidade

Quadrado 2:

Percurso "C" - falsidade → segredo → verdade

Percurso "D" - verdade → mentira → falsidade

Os percursos caracterizam modos diferentes de veridicção nos discursos. No percurso "A" vamos tratar das *fake news*, no "B", dos discursos de falsa revisão da História e da ciência e dos conspiratórios, no "C", dos humorísticos, como as charges, e dos discursos poéticos, em geral; no "D", dos discursos poéticos "fundadores".

1.1. Quadrado 1: *fake news*, discursos de falsa revisão da História e da ciência e conspiratórios

Quando, no Quadrado 1 (fig. 3), estabelece-se que o contraditório da verdade é o segredo, está-se negando o *parecer*, pois a verdade parece verdade e o segredo não parece, mas ambos são verdadeiros. Da mesma forma, a falsidade não parece verdade e seu contraditório, a mentira, parece, mas ambas não são verdadeiras. Esse quadrado de segunda geração opera por negação a passagem do *parecer* ao *não-parecer* e vice-versa, para estabelecer os termos contraditórios, e é o *parecer*, a *aparência*, que seleciona, na operação de implicação, o *ser* ou o *não-ser*, completando o percurso. Nesse quadrado, é, portanto, o *parecer* que tem papel predominante nas operações. Isso acontece com os discursos mentirosos em geral, como as *fake news*, os discursos de falsa revisão da História e da ciência e os conspiratórios. A diferença entre eles é marcada pelos percursos que os caracterizam: percurso "A", nas *fake news*; percurso "B", nos discursos de falsa revisão da História e da ciência e nos conspiratórios.

No Quadrado 1 (fig. 3), assim como veremos acontecer também no Quadrado 2 (fig. 4), deve-se ressaltar a função da implicação. Fontanille e Zilberberg (2001, p. 80) dizem, ao tratar de quadrados de segunda geração, que "é então que o papel e o valor da implicação na estabilização do quadrado semiótico aparecem plenamente."

1.1.1. Fake news

Nas *fake news*, o destinador nega a falsidade que não parece e coloca como seu contraditório a mentira que parece verdadeira e, a partir daí, por implicação, estabelece a verdade, operando uma segunda passagem, em que o *parecer*, positivo tanto na mentira quanto na verdade, seleciona o *ser* da verdade, em lugar do *não-ser* da mentira. Nesse quadrado, é o *parecer* que tem papel predominante nas operações. Trata-se do percurso "A" falsidade → mentira → verdade, mostrado no esquema acima. O enunciador da *fake news*, espera, com essas operações e os procedimentos usados para efetuar-las, fazer a passagem de um discurso concessivo (o da mentira) a um discurso implicativo (o da verdade), obtendo, assim, a adesão do destinatário a seus valores, tornando-os, pouco a pouco, valores esperados pelo destinatário e parte de seu quadro de

crenças. Quando a interpretação se baseia, sobretudo ou apenas, nessas crenças e emoções do destinatário, os discursos mentirosos são mais facilmente entendidos como verdadeiros e o acontecimento extraordinário vira exercício.

Duas *fake news* ilustram a questão. A *fake news* que segue sobre o poder curativo da erva-doce em relação à Covid-19 apareceu já em 2020 (WHATSAPP ERVA-DOCE *apud* BARROS, 2020b) e está sendo uma vez mais divulgada nas redes sociais devido ao aparecimento de nova variante da gripe H1N1, a H3N2.

Diretor do HC (Hospital das Clínicas) de SP preocupado com a nova gripe que vai matar muita gente [era a Covid]...
[...]
Vamos repassar?
ERVA-DOCE
O chá de erva-doce tem a mesma substância que o medicamento TAMIFLU, remédio que todas as vítimas da gripe A - H1N1 toma. Uma médica, descobriu no seu laboratório, que uma substância que tem o famoso TAMIFLU, aparece no CHÁ DE ERVA-DOCE. Aconselha-se tomar o chá como se fosse café, após as refeições. Um infectologista do hospital São Domingos, recomenda tomar de 12 em 12/horas o chá de erva doce, ela mata o vírus da influenza. É da erva-doce que é feito o TAMIFLU. * Repasse para seus familiares e amigos pois é muito importante (WHATSAPP ERVA-DOCE *apud* BARROS, 2020b, p. 136).

As operações do percurso “A” falsidade → mentira → verdade são detectadas nessa *fake news*: opera-se a passagem da falsidade à mentira, negando sua aparência, ou seja, o *não-parecer* da falsidade torna-se o *parecer* da mentira, afirma-se, graças ao operador da implicação *aparência*, o ser da verdade. A mentira se transforma em verdade.

O ponto de partida é que é falso que o Tamiflu é feito de erva-doce. Basta observar a bula do medicamento, com sua composição, ou a nota à imprensa, publicada pelo Laboratório Roche, que produz o medicamento:

O medicamento Tamiflu®, desenvolvido pela Roche, é composto por fosfato de oseltamivir [...], além de alguns excipientes, [...]. Deste modo, não há, na composição de Tamiflu®, o anis estrelado ou a erva-doce (TAMIFLU *apud* BARROS, 2020b, p. 137).

As operações de passagem da falsidade à mentira e, finalmente, à verdade fazem não só parecer que o Tamiflu é feito de erva-doce, mas que é mesmo isso o que ocorre. Como o Tamiflu trata da Influenza, o chá de erva-doce também o faz, pois tem as mesmas propriedades curativas e, além disso, é “natural” e mais barato. Esse percurso bastaria hoje, no momento de reaparecimento da Influenza. No caso da Covid-19, porém, são necessárias novas operações, para transformar a falsidade de que o Tamiflu é eficiente também na cura da Covid-19 em mentira

e, depois, em verdade. A falsidade inicial das operações foi confirmada por pesquisas diversas e pelo Laboratório Roche, que disse, em comunicado:

Sobre outras correntes que circulam nas redes, a empresa esclarece que o medicamento Tamiflu® não está indicado para o tratamento da COVID-19, doença provocada pelo coronavírus (TAMIFLU II *apud* BARROS, 2020b, p. 138).

Para realizar essas operações e delas convencer o enunciatário da *fake news*, fazendo-o acreditar, várias estratégias discursivas e textuais foram empregadas pelo enunciador.

Em estudos anteriores (BARROS, 2020) mostramos que a manipulação do enunciador nos discursos mentirosos, para a construção e a boa aceitação das notícias falsas, visa a conseguir a confiança do enunciatário e, sobretudo, a promover o ajustamento emocional e sensorial entre eles.

Nessa *fake news*, para ganhar a confiança do enunciatário, foi usado, sobretudo, o procedimento de ancoragem em atores e lugares que o enunciatário reconhece e em que acredita: a recomendação vem de autoridades no campo da saúde, o diretor do Hospital das Clínicas de São Paulo, uma médica e um infectologista do Hospital São Domingos. Outro recurso empregado foi o da camuflagem subjetivante e objetivante (GREIMAS, 2014; DEMURU; FECHINE; LIMA, 2021): as duas camuflagens foram usadas, a subjetivante, com a manifestação do sujeito da enunciação como um “eu fiador da verdade”, em “Vamos repassar? [...] Repasse para seus familiares e amigos pois é muito importante”, e a objetivante, com o apagamento das marcas da enunciação em “O chá de erva-doce tem a mesma substância que o medicamento TAMIFLU [...]”.

Já para promover o ajustamento sensorial e emocional entre enunciador e enunciatário e levá-lo a aceitar as operações veridictórias de passagem da falsidade à verdade, transformando a concessão da mentira em implicação, o enunciador emprega dois tipos de procedimentos: estranhamentos e anomalias na organização do discurso e do texto e, também, nos diálogos com outros textos e discursos. Desses “rasgos na normalidade” decorrem efeitos de tonicidade nos textos e laços emocionais e sensoriais entre os sujeitos envolvidos nos discursos mentirosos (BARROS, 2019, 2020a; MANCINI, 2020). São, assim, uma das razões principais que levam multidões a acreditar nesses discursos, interpretando-os como verdadeiros.

No texto em análise, estabelece-se o diálogo com os discursos científicos da área da saúde; com os discursos da prática da medicina (a recomendação da erva-doce é feita seguindo o padrão do gênero “prescrição médica”: “tomar [...] após as refeições”; “tomar de 12 em 12/horas”); com os discursos da pesquisa (sobre o Tamiflu e a erva-doce); com os discursos da “sabedoria popular”, comprovada pelas investigações científicas. Esses diálogos levam às operações

veridictórias mencionadas e produzem também os efeitos de sentido de confiança e credibilidade já mencionados.

Em relação à organização interna do texto devem ser observados dois recursos: o primeiro, de uso de maiúsculas e/ou de negrito, para enfatizar as informações principais, e, sobretudo, para criar laços emocionais; o segundo, mais significativo, de conclusão indevida. O texto diz, explicitamente, que o Tamiflu cura a gripe H1N1 e que o medicamento é feito de erva-doce, logo o chá de erva-doce cura a H1N1; como, no entanto, o chá de erva-doce é recomendado, na *fake news*, para prevenção e tratamento da Covid-19, e não da H1N1, há um problema ou vício de argumentação, o da conclusão indevida, pois, teria sido necessário mostrar que o Tamiflu, além de ser eficaz na cura da H1N1, é eficiente no tratamento da Covid-19. Esse procedimento retórico, entre outros, é uma boa estratégia de persuasão nas *fake news*.

O segundo exemplo é de uma *fake news*, mais recente, sobre a vacinação de crianças. Trata-se de um vídeo de um homem desesperado com a morte de uma criança cuja legenda diz:

Uma criança de 11 anos morre após receber a vacina. O pai desesperado não sabe o que fazer. Crianças estão sendo assassinadas pelas farmacêuticas, pelos políticos corruptos, pela imprensa e pelos médicos, todos genocidas. Todos corrompidos pela elite psicopata. Vítimas inocentes das vacinas... frágeis e indefesas crianças, sendo entregues à morte pelos próprios pais. Não vacine seu filho!!! (É #FAKE que vídeo mostre homem chorando..., 2022, n.p).

O que se sabe é que o vídeo traz, no canto inferior esquerdo, a indicação de que foi feito pelo fotógrafo Ali Haj Suleiman, que afirmou, no Twitter, que a criança mostrada no vídeo morreu durante um ataque militar contra civis na Síria, em outubro de 2021, e que descobriu que o vídeo circula nas redes sociais brasileiras como se a criança tivesse morrido devido à vacina. Essas informações indicam a falsidade do texto, que, para ser acreditado, deve, então, fazer as passagens do percurso “A”: nega-se o *não-parecer* da falsidade e instala-se a mentira; efetua-se, com o operador *aparência*, a afirmação da verdade. As principais estratégias empregadas pelo enunciador são: a utilização de imagens que atribuem credibilidade à mensagem, pois as imagens ancoram o texto e produzem efeitos de sentido de realidade ou de referente; o uso da camuflagem objetivante tanto no verbal (“Uma criança de 11 anos morre após receber a vacina.[...]”), quanto no visual (Vídeo em terceira pessoa, em que é mostrada a cena do pai enlouquecido de dor); emprego de camuflagem subjetivante (“Não vacine seu filho!!!”), na legenda verbal; o anonimato (não há responsável pelo vídeo ou pelo texto verbal, embora o enunciador diga “eu”); o estranhamento, a anomalia textual de uma legenda que conta uma história diferente da do vídeo;

utilização de pontos de exclamação e de reticências, para criar adesão emocional; a programação temporal, espacial e actorial do texto, que transformou em concomitantes acontecimentos ocorridos em tempos e lugares distintos, e tornou idênticos atores completamente diferentes (o pai que perde o filho na guerra e aquele que vacina o filho).

Os recursos usados nas *fake news* são procedimentos, tanto do plano do conteúdo, quanto do da expressão, e envolvem os diferentes níveis de análise dos textos e discursos. Assim, na *fake news* da erva-doce, foram usadas estratégias do plano do conteúdo (ancoragem, vício de argumentação, marcas de estilo) e da expressão (maiúsculas, negrito); na da vacinação de crianças, as da programação textual do verbal e do visual, sobretudo, mas também algumas do plano do conteúdo (ancoragem) e da expressão (no visual, principalmente).

1.1.2. Falsa revisão da História e da ciência e discurso conspiratório

Nesse primeiro quadrado, em que é a *aparência* que seleciona a *essência*, além dos discursos das *fake news*, que realizam o percurso “A”, outro caminho é possível, o do percurso “B”. O percurso “B” verdade → segredo → falsidade caracteriza um tipo diferente de discurso mentiroso, o das falsas revisões do passado e da História, e também o das teorias conspiratórias. Assim, as revisões da História que negam, por exemplo, o caráter antidemocrático e opressor da ditadura militar no Brasil, e afirmam seu caráter brando, patriótico e democrático, ou as que não aceitam o nazismo e o fascismo como ideologias de extrema-direita, seguem o percurso verdade → segredo → falsidade, ou seja, nega-se o que, até então, era interpretado como parecendo e sendo verdadeiro, instala-se o segredo, que não parece, mas continua a ser considerado verdadeiro, e, uma vez mais, a *aparência* seleciona a *essência* e, por implicação, estabelece-se a falsidade da História, que afirma como verdade ser a ditadura militar brasileira antidemocrática ou o nazismo e o fascismo, de direita. Esses discursos, ditos negacionistas, recusam verdades, amplamente consensuais, de historiadores brasileiros e estrangeiros que mostram ser historicamente incorreto, ou mesmo um absurdo, associar o nazismo a um movimento de esquerda ou considerar a ditadura militar no Brasil como um movimento democrático. Outros exemplos são o de negar o discurso científico sobre a letalidade da Covid-19, tomando-a como uma “gripezinha”, ou sobre a eficácia das vacinas, dizendo que elas são mais perigosas do que a doença. Há, portanto, um debate científico sobre essas questões que é negado, que não é levado em consideração.

Quanto aos discursos sobre teorias conspiratórias, alguns seguem o percurso “A”, a maioria, o “B”. Vamos retomar um deles entre os do percurso “B”, em que há um vídeo com um áudio acrescentado como uma espécie de legenda explicativa. No vídeo, temos um dos entrevistadores do IBOPE, que participam

da pesquisa EPICOID19-BR¹ (coordenada pela Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, e aplicada em 133 municípios brasileiros) e uma moradora a ser testada. É o áudio, acrescentado ao vídeo, que constrói a *fake news*, ao apresentar e tentar impor uma leitura conspiratória dele:

Esse vídeo aí é é gravíssimo. Esse vídeo é gravíssimo. Estão saindo pelo interior do Brasil contaminando a população para que ocorram, cada vez mais, mortes em locais que não foram atingidos pelo vírus. Olha a gravidade que estamos passando! Já não basta a contaminação feita pela China e já tem agentes aqui dentro infiltrados, propagando o vírus pelo interior do Brasil. Olha só a gravidade disso! Isso aí é é genocídio. Isso aí é a pior coisa que possa ocorrer em toda a humanidade. Pessoas contaminando a população... do Nordeste. Querem matar o Nordeste! Querem matar o Nordeste! Olha só, minha gente! Querem matar o Nordeste! Colocando o vírus aí no interior. Olha só! Essas pessoas têm que ser identificadas aí urgentemente (MORADORA E ENTREVISTADOR, 2020, n.p, transcrição nossa de *WhatsApp*).

O áudio explica a gravidade do vídeo, sob a forma de uma conspiração: agentes infiltrados estão contaminando o interior do Brasil para produzir mais mortes e, com isso, mostrar que o governo está errado ao dizer que a Covid-19 mata muito pouco.

O percurso “B” é claramente estabelecido. A verdade é negada como um segredo, por sua vez, desmascarado como falsidade. Dessa forma, o projeto EPICOID19-BR torna-se uma conspiração da China para infectar o Brasil: a infiltração foi feita em “locais que não foram atingidos pelo vírus”, e não em lugares com muitos infectados e mortos, como proposto no protocolo da pesquisa e seguido em sua aplicação; os pesquisadores são “agentes infiltrados”, e não aplicadores do IBOPE, treinados para fazer os testes, e assim por diante.

Para obter os resultados esperados, a principal estratégia de persuasão é a utilização de uma “legenda” em áudio que descontextualiza o vídeo e atribui a ele outra leitura. O emprego de “legenda” em áudio é um recurso que produz também efeito de realidade, pois há uma voz, com marcas identitárias e de estilo, que fala, ainda que ela não seja identificada. Esse discurso conspiratório, além de levar a mais preconceito e discriminação (de chineses, de agentes da saúde, da esquerda), atrapalhou muito a realização da pesquisa.

¹ Para mais informações, cf. É #FAKE que vídeos mostrem pessoas se passando... (2020, n.p) na seção “Referências” deste trabalho.

1.2. Quadrado 2: discursos poéticos e humorísticos

O outro quadrado de segunda geração que podemos formar com as modalidades veridictórias é aquele em que o contraditório da verdade é a mentira e o da falsidade, o segredo. Nesse caso, os dois percursos, “C” e “D”, são:

“C”- falsidade → segredo → verdade, em que se nega o *não-ser verdadeiro* da falsidade e se instala o *ser* do segredo; desta vez, é o *ser*, a *essência*, que seleciona a *aparência*, para que se chegue à verdade, que *parece* e *é* verdadeira;

“D”- verdade → mentira → falsidade, em que se nega o *ser verdadeiro* da verdade e se instala o *não-ser* da mentira; de novo, é o *ser*, a *essência*, que escolhe a *aparência*, para que se chegue à falsidade, que *não parece* e *não é* verdadeira.

Podemos exemplificar os dois percursos com a análise narrativa do conto “Desenredo”, de Guimarães Rosa (1979, p. 38-40).

Vejamos o percurso “D”. Jó Joaquim, um dos atores do texto, ao procurar manipular sua “aldeia” e a mulher que ama, começa por negar a verdade até então aceita de que sua mulher o traíra, assim como fizera com seu primeiro marido, de que ela tivera muitos amantes, de que era “impura” e “incorreta”. Ele esforça-se, em primeiro lugar, por transformar a verdade em mentira, ou seja, o *ser* da verdade no *não-ser* da mentira: parecia que ela havia feito tudo aquilo de que a acusavam, mas não era verdade.

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente (ROSA, 1979, p. 40).

Em seguida, por implicação, a *essência* (o *não-ser* da mentira) seleciona a *aparência* (o *não-parecer* da falsidade) e as acusações à mulher passam a não-ser e a nem mais parecer.

O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim, genial, operava o passado — plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa? Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar — e qualquer causa se irrefuta. Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima (ROSA, 1979, p. 40).

A partir daí, Jô Joaquim procura construir uma nova verdade, ou seja, não lhe basta negar a verdade aceita na sua “aldeia” de que a mulher amada era “impura” e “incorreta”, ele quer ainda afirmar a sua “pureza” e “correção”, o que exemplifica o percurso “C”. Para tanto, ele nega a falsidade de que ela não era “pura” e “correta”, e instala o segredo, ou seja, ela não parecia “pura” e “correta”, mas, o era. A partir daí, a *essência*, de novo, seleciona, na implicação, a *aparência* e opera a passagem do segredo à verdade (à “nova” verdade): ela não só era, como parecia “pura” e “correta”.

Todos já acreditavam. Jô Joaquim primeiro que todos. Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento (ROSA, 1979, p. 40).

Análises de “Desenredo” mostram que, entre as várias leituras possíveis do conto, destaca-se a de que ele trata, metalinguisticamente, do que é “ler e interpretar um texto”. Essa rápida abordagem que fizemos da veridicção em sua narrativa, ou seja, na história de Jô Joaquim, está relacionada a essa isotopia do “fazer e interpretar textos”. É por essa razão, então, que o Quadrado 2 permite que se examinem os contratos de veridicção nos discursos poéticos e humorísticos.

La Fontaine, na fábula *Le dépositaire infidèle* (1962) diz que, segundo os sábios, há duas formas diferentes de mentir: uma que caracteriza o “verdadeiro mentiroso”, qualificado por ele de *méchant* e *sot*; outra que aparece, no seu texto, como o fazer de Esopo e de Homero (“*Sous les habits du mensonge, nous offre la vérité*”). A primeira é a mentira das *fake news*, das falsas revisões da História e da ciência e dos discursos conspiratórios, caracterizada, como vimos, pelas operações veridictórias no Quadrado 1, em que o operador é a *aparência*; a segunda, o “mentir” dos fabulistas, poetas, artistas e humoristas, definido pelas operações veridictórias no Quadrado 2, em que o operador é a *essência*.

1.2.1. Percurso “C”: discursos humorísticos e discursos poéticos

O contrato de veridicção dos discursos humorísticos, como as charges, e dos discursos poéticos em geral estabelece-se pelas operações do percurso “C” - falsidade → segredo → verdade. Nesses discursos, estratégias são usadas para que o destinatário interprete o texto “falso”, que nem parece, nem é verdadeiro - é uma “ficção” ou uma “piada”-, como não parecendo verdadeiro, mas sendo verdadeiro. Altera-se, assim, o *ser* e passa-se ao segredo, ou seja, àquilo que não parece, mas é verdadeiro. O segredo, como foi já mencionado, instala-se, tal como a mentira, no regime concessivo - embora não pareça, no entanto é verdadeiro.

Os discursos poéticos e humorísticos buscam, nesse caso, operar a passagem da falsidade implicativa (não-parecer e, por isso, não-ser) ao segredo concessivo (embora não pareça, no entanto é verdadeiro), próprio de um discurso do acontecimento, que dá conhecimento e prazer estético a seu enunciatário e faz rir. O último passo é alterar, graças ao operador *essência*, o *parecer* do segredo e obter a verdade desvendada.

O discurso humorístico e o poético são entendidos como “segredos” desvendados graças a dois tipos de procedimentos: por um lado, às anomalias decorrentes dos recursos retóricos usados, que favorecem a adesão emocional e sensorial e levam à interpretação de que esses discursos parecem piadas ou ficções e, portanto, não parecem verdadeiros; por outro lado, aos procedimentos de interdiscursividade e intertextualidade que permitem que eles sejam lidos como “embora não parecendo verdadeiros, no entanto o são” e, finalmente, como “parecendo e sendo verdadeiros”, e que fazem o destinatário crer e saber.

Os recursos retóricos ao se apresentarem como excessivos ou insuficientes produzem os estranhamentos e anomalias que vimos também nos diferentes tipos de discursos mentirosos. São procedimentos fundamentais de estabelecimento dos contratos de veridicção.

Os diálogos com outros textos ou discursos, em geral mostrados, confirmam a verdade daquilo que o enunciador do texto propõe, no modo do segredo, e o revelam. Funcionam como o operador *essência*, ou seja, as relações intertextuais e/ou interdiscursivas revelam a verdade proposta pelo destinador do texto, que não parecia (por ser uma piada, uma ficção) e, no entanto, era.

Três textos humorísticos ilustram esse tipo de contrato, suas operações e estratégias. O primeiro é uma charge de Jônatas:

Figura 5: Charge de Jônatas, de 22 de novembro de 2020.



Fonte: <https://www.instagram.com/jonatas.draw/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

A charge usa o recurso retórico da personificação do coronavírus e da *fake news* para criar o imprevisto e o estranhamento que levam à adesão emocional. O riso e a adesão afetiva nas charges são provocados pelo estranhamento causado, em geral, pelas figuras de retórica da prosopopeia ou da personificação (vírus e *fake news* não apostam corridas ou usam sapatos) e pelas do excesso, como veremos nas outras ilustrações. O contrato veridictório é, por conseguinte, o de que se interprete o texto como “não parecendo e não sendo verdadeiro”, como ficção. A intertextualidade com discursos de cientistas, artistas, políticos e jornalistas que têm mostrado que as *fake news* e outros textos mentirosos estão matando tanto ou mais do que o vírus vai operar a passagem da falsidade ao segredo (a charge não parece, mas é verdadeira) e, finalmente, afirmar a verdade, nessa implicação. Esses diálogos com outros textos revelam o segredo da charge e produzem conhecimento sobre a triste situação política do país: a *fake news* ganha a corrida difícil contra o vírus, pois o efeito da desinformação gerada pelos grupos que produzem e divulgam *fake news* em redes sociais cria um problema de saúde ainda mais grave que a epidemia em nível nacional.

Para manter o tema atual da vacinação infantil, serão examinadas a seguir duas charges sobre a questão, publicadas na *Folha de S. Paulo*, uma, de Galvão e outra, de Laerte. Na charge de Jean Galvão, uma criança chora, assustada, e pede a proteção dos pais contra com o “bicho-papão” Bolsonaro que está debaixo de sua cama e procura contaminá-la. Na de Laerte, crianças que caminham, sorrindo, em direção à vacinação são desviadas desse bom caminho pelo “flautista” Queiroga, ministro da Saúde.

Figura 6: charge de Jean Galvão, de 9 de janeiro de 2022.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1720688943218442-charges-janeiro-2022#foto-1720795135195354>. Acesso em: 17 fev. 2022.

Figura 7: charge de Laerte, de 5 de janeiro de 2022.



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1720688943218442-charges-janeiro-2022#foto-1720795135195354>. Acesso em: 15 fev. 2022.

As duas charges fazem uso da caricatura, recurso retórico das figuras do excesso. As figuras do excesso, segundo diz Fiorin (2014, 2015), estão fundamentadas no exagero de um ponto de vista. O estranhamento é assim causado pelos traços excessivos da caricatura e também pela impropriedade semântica de um ministro da saúde “fantasiado” de flautista e com a expressão caricatural de um manipulador cínico ou mesmo devasso. Essas anomalias fazem rir (e chorar) e criam aproximação emocional e sensorial entre enunciador e enunciatário. Diálogos diversos são mostrados nos textos: na charge de Galvão, as muitas postagens e falas de Bolsonaro contrárias à vacinação de crianças e os discursos infantis sobre monstros escondidos debaixo das camas; na de Laerte, os discursos de submissão do ministro-médico aos propósitos do presidente, as consultas públicas realizadas, que atrasaram a vacinação infantil, e o conto folclórico do flautista de Hamelin que, para vingar-se da cidade, atraiu, com sua melodia, as crianças para o abismo. Esses diálogos operam as passagens da falsidade implicativa da “piada”, ao discurso concessivo de seu segredo e à verdade, mostrando que as charges, embora não pareçam, devem ser interpretadas como verdadeiras. É verdadeiro o conhecimento que revelam: o presidente e seu ministro da saúde são “monstros” responsáveis, com o atraso na vacinação infantil e a desinformação sobre ela, pelo medo, contaminação, sequelas e morte das crianças no Brasil.

Operações e percursos veridictórios do mesmo tipo caracterizam os discursos poéticos em geral, tal como procuramos mostrar em estudos anteriores (BARROS, 2020a, 2021).

1.2.2. Percurso “D”: discursos poéticos “fundadores”

Os discursos poéticos examinados neste item são aqueles de que se falou na primeira leitura de “Desenredo”, marcados pelo percurso “D” e não pelo “C”. No percurso “D” verdade → mentira → falsidade, opera-se, em primeiro lugar, a

passagem da verdade já estabelecida do senso comum à mentira, conservando-se seu *parecer* e mudando-se o *ser*, e, finalmente, graças ao operador *essência*, transforma-se também a *aparência* e chega-se à falsidade. São discursos que tratam, poeticamente, do “fazer poesia”, em sentido amplo, como discursos “fundadores”. O poema que segue, de Manoel de Barros (2011) ilustra essas operações:

VII
 No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar
 não funciona para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
 nascimentos -
 O verbo tem que pegar delírio (BARROS, M., 1994, p. 17).

Nesse poema, recusa-se o sentido “comum” e único de “escutar som”, considerando isso como um *parecer*, mas *não-ser* (uma mentira) e altera-se, em seguida, também o *parecer*: *nem parece e nem é verdadeiro* que esse seja o único ou o melhor uso do verbo. Por que não escutar uma cor? As transformações da verdade em mentira e da mentira em falsidade ficam claras quando Manoel de Barros diz que a poesia é “nascimento”, pois afasta como falso o já existente ou estabelecido: “Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos - O verbo tem que pegar delírio”. O já existente e conhecido estava no “descomeço”, um início falso, tal como determinado pela *essência*. Para fazer nascer o poético, é preciso antes negar o “descomeço”.

Esse contrato de veridicção é também o de desmascaramento das “falsas verdades” aceitas e consolidadas, dos preconceitos e intolerâncias “estruturais”, entre outros discursos.

2. Considerações finais: diferentes contratos de veridicção

Este artigo tratou de diferentes contratos de veridicção que, com toda certeza, admitem outras subdivisões. Como conclusão das reflexões, serão explicitados os pontos em comum e as diferenças, na perspectiva da veridicção, entre os quatro grandes tipos de discursos examinados: as *fake news*; as falsas revisões da História e da ciência; os discursos humorísticos e poéticos, em geral; os discursos poéticos “fundadores”, de caráter metalinguístico.

Em primeiro lugar, compararemos os discursos cuja veridicção decorre de operações realizadas no interior de cada quadrado.

No Quadrado 1, no caso das *fake news*, que fazem o percurso “A”, o destinador procura efetuar a passagem, selecionada pela *aparência*, da falsidade e da mentira ao *ser* da verdade, fazendo o destinatário interpretar a falsidade, transformada em mentira, como verdade; no das falsas revisões da História e da ciência, cujo percurso é o “B”, ele busca levar o destinatário a passar da verdade ao segredo e do segredo à falsidade, operando, graças à seleção também da *aparência*, a mudança do *ser* da verdade e do segredo no *não-ser* da falsidade. Em outras palavras, os discursos mentirosos de diferentes tipos têm em comum a realização de percursos veridictórios em que é a *aparência* que seleciona a *essência*, assim transformada, e diferenciam-se porque as *fake news* afirmam como verdadeiro aquilo que, em princípio, é falso, e as revisões da História e da ciência negam a verdade do que, de início, é considerado verdadeiro. São duas formas de construção dos discursos mentirosos. As estratégias usadas são muito parecidas, com diferenças apenas de predominância de um tipo ou de outro. Nas revisões da História e da ciência imperam os procedimentos de interdiscursividade e de intertextualidade, nas *fake news* esses recursos estão equilibrados com as anomalias de sua organização interna, nos diferentes níveis da análise discursiva e textual.

No Quadrado 2, nos discursos humorísticos e poéticos em geral, que fazem o percurso “C”, o destinador busca efetuar a mudança, selecionada pela *essência*, do *não-parecer* da falsidade e do segredo no *parecer* da verdade, levando o destinatário a interpretar a falsidade e a revelar o segredo como verdade; no dos discursos poéticos “fundadores”, por sua vez, cujo percurso é o “D”, ele procura persuadir o destinatário a ir da verdade à mentira e da mentira à falsidade, operando, graças à seleção também da *essência*, a passagem do *parecer* da verdade e da mentira ao *não-parecer* da falsidade. Os discursos humorísticos e poéticos de tipos diferentes aproximam-se devido aos percursos veridictórios em que é a *essência* que seleciona a *aparência*, com isso transformada, e diferenciam-se porque os discursos humorísticos e poéticos afirmam como verdadeiro aquilo que, em princípio, é um segredo a ser revelado, e os discursos poéticos “fundadores” afirmam a falsidade das verdades e mentiras dos “descomeços”.

Aproximaremos, finalmente, os discursos mentirosos das *fake news* e das falsas revisões da História e da ciência, em que as operações de veridicção ocorrem no Quadrado 1, dos discursos humorísticos e poéticos, cujos percursos estão no Quadrado 2.

A principal diferença entre os dois grupos de discursos foi já apontada: os discursos mentirosos dos dois tipos realizam um percurso veridictório em que é a *aparência* que seleciona a *essência*, que, por sua vez, sofre a transformação, enquanto nos discursos poéticos e humorísticos, é a *essência* que seleciona a *aparência*, que, recebe, então, mudanças. Em outras palavras, os discursos

mentirosos procuram manter o *parecer* e, para tanto, “brincam” e alteram o *ser*; os discursos humorísticos e poéticos asseguram o *ser* ou a *essência* e, com esse fim, operam sobre o *parecer*.

Outra diferença a ser apontada entre os dois grupos é a da relação entre enunciador e enunciatário. Nos discursos mentirosos, a aproximação buscada entre eles, segundo o contrato enunciativo, é emocional e sensorial, enquanto nos discursos poéticos e humorísticos procura-se obter relação emocional e sensorial, mas também estabelecer laços racionais, de conhecimento e crítica. Em outras palavras, os textos de humor e os poéticos, além de criarem laços emocionais e sensoriais com seu destinatário fazendo-o rir e proporcionando-lhe prazer estético, dão-lhe também saber. Vimos isso ocorrer no poema e nas charges analisados.

Os discursos poéticos e os humorísticos têm em comum com os discursos mentirosos o fato de buscarem, com estratégias que produzem estranhamento, surpresa e tonicidade, a adesão emocional e sensorial do destinatário.

As reflexões deste artigo podem, quem sabe, contribuir para que se esclareçam os motivos que levam os discursos definidos pelos dois grandes tipos de contratos enunciativos e seus percursos, os mentirosos e os humorísticos e poéticos, a ser usados, preferencialmente, por adeptos de posições políticas diferentes no Brasil atual. A extrema direita emprega nas redes sociais, com mais frequência, os discursos baseados na mentira e operados pela *aparência*, enquanto a esquerda brasileira tem preferido os recursos do humor, fundamentados na *essência*. ●

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola, *Estudos Semióticos*, vol. 15, n. 2, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165195>.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. As *fake news* e as anomalias, *Verbum*. Cadernos de pós-graduação, vol. 9, n. 2. São Paulo: PUC-SP, p. 26-41, 2020a.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Le dépositaire fidèle. In: BERTRAND, Denis; DARRAULT-HARRIS, Ivan (org.). *À même le sens*. Limoges: Lambert-Lucas, 2021. p. 421-432.
- BARROS, Manoel de. *Livro das Ignorâncias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p. 17.
- DEMURU, Paolo; FECHINE, Yvana; LIMA, Cecilia Almeida Rodrigues. Desinformação como camuflagem: modos de produção da verdade no WhatsApp durante a pandemia. *Anais do XXX Encontro Anual da Compós*. Disponível em: http://www.compos.org.br/anais_encontros.php. 2021. Acesso em: 13 mai. 2022.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso/Humanitas, 2001 [1988].

É #FAKE que vídeo mostre homem chorando sobre criança morta após tomar vacina contra Covid-19. *G1* [on-line]. Fato ou fake. 12 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2022/01/12/e-fake-que-video-mostre-homem-chorando-sobre-corpo-de-crianca-morta-apos-tomar-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 05 mar. 2022.

É #FAKE que vídeos mostrem pessoas se passando por agentes de saúde para contaminar a população. *G1* [on-line]. Fato ou fake. 18 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/05/18/e-fake-que-videos-mostrem-pessoas-se-passando-por-agentes-de-saude-para-contaminar-a-populacao.ghtml>. Acesso em: 17 maio 2022.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. São Paulo: Nankin/ EDUSP, 2014 [1983].

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008 [1979].

JÔNATAS. Charge de Jônatas. Instagram [on-line]. 22 nov. 2020. [2020]. Charge colorida. Disponível em: <https://www.instagram.com/jonatas.draw/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

JEAN GALVÃO. Charge de Jean Galvão. *Folha de S. Paulo* [on-line]. Fotografia, 9 jan. 2022. [2022]. Charge colorida. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1720688943218442-charges-janeiro-2022#foto-1720795135195354>. Acesso em: 17 maio 2022.

LA FONTAINE. *Fables choisies*. Paris: Garnier-Frères, 1962. p. 243-245.

LAERTE. Charge de Laerte. *Folha de S. Paulo* [on-line]. Fotografia, 5 jan. 2022. [2022]. Charge colorida. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1720688943218442-charges-janeiro-2022#foto-1720795135195354>. Acesso em: 13 fev. 2022.

MANCINI, Renata. A tradução enquanto processo. *Revista Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 41, n. esp., 2020.

MORADORA E ENTREVISTADOR [IBOPE EPICOVID19-BR]. WHATSAPP. [Grupo Família GES-USP]. 18 mai. 2020, 13:37. 1 mensagem de WhatsApp.

ROSA, João Guimarães. Desenredo. In: *Tutaméia*. Terceiras estórias, 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 38-40.

TAMIFLU. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. Redes sociais, mentira e educação: a contribuição dos estudos do discurso e da língua falada. In: LEITE, Marli Quadros (org.). *Oralidade e ensino*. São Paulo: FFLCH-USP, p. 120-164, 2020b. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/550/486/1874-1?inline=1>. Acesso em: 17 jan. 2022.

TAMIFLU II. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. Redes sociais, mentira e educação: a contribuição dos estudos do discurso e da língua falada. In: LEITE, Marli Quadros. *Oralidade e ensino*. São Paulo: FFLCH-USP, p. 120-164, 2020b. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/550/486/1874-1?inline=1>. Acesso em: 17 jan. 2022.

VERISSIMO, Luis Fernando. A verdade. *In: As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 74.

WHATSAPP ERVA-DOCE. *In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. Redes sociais, mentira e educação: a contribuição dos estudos do discurso e da língua falada. In: LEITE, Marli Quadros. Oralidade e ensino*. São Paulo: FFLCH-USP, p. 120-164, 2020b. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/550/486/1874-1?inline=1>. Acesso em: 17 jan. 2022.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. *In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (org.). O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004.

ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento, *Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 13-28, jun. 2007.

Contract of veridiction: operations and pathways

 BARROS, Diana Luz Pessoa de

Abstract: The starting point of this article is the contract of veridiction, proposed by Greimas. The enunciator of the discourse chooses a verdictory regime and a way of *making it seem true*, in order to *make* his enunciatee *believe*. The enunciatee, who has a fundamental role in this contract, interprets the message and believes it or not. The objective is to show that these contracts go through operations and establish different verdictory pathways. The operations of assertion, negation and implication determine four paths between the metaterms of the verdictory square - truth, falsehood, lie and secret: 1) falsehood → lie → truth; 2) truth → secret → falsehood; 3) falsehood → secret → truth; 4) truth → lie → falsehood. These paths characterize different contracts of veridiction and different types of discourses: the path 1 is that of fake news; the 2, that of false revisions of history and science and also conspiratorial discourses; the 3, that of humorous and poetic discourses, in general; the 4, that of the “founding” poetic discourses. In Brazil, the first two paths, in which appearance selects the essence by implication, are widely used in the discourses of the extreme right; the paths 3 and 4, in which the essence selects appearance, characterize those on the left.

Keywords: contract of veridiction; verdictory operations and pathways; fake news and false revisions of history and science; humorous and poetic discourse; political discourse.

Como citar este artigo

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contrato de veridicção: operações e percursos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. 23-45. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contrato de veridicção: operações e percursos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.2. São Paulo, August 2022. p. 23-45. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 21/01/2022.

Data de aprovação do artigo: 26/05/2022.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

